

# Família, mulher e género na Literatura Infantil:

Uma leitura de *O livro dos Porquinhos*, de Anthony Browne, e *A família C*, de Pep Bruno e Mariona Cabassa

Carla M. Guerra Baptista\*  
carlabaptista05@hotmail.com

## Resumo

O presente artigo pretende problematizar a forma como os conceitos de família, de mulher e de género surgem abordados na literatura infantil contemporânea, em particular nos álbuns narrativos para a infância *O livro dos Porquinhos*, da autoria do conceituado autor e ilustrador inglês Anthony Browne, e *A família C*, de Pep Bruno e Mariona Cabassa, uma obra que o júri do III Prémio Internacional Compostela para Álbuns Ilustrados definiu como “imaginativa, original e moderna”, sendo-lhe atribuído esse mesmo prémio no ano de 2010. Através de uma abordagem claramente metafórica e alegórica, estes dois álbuns apelam à consciência cívica dos potenciais leitores infantis (e adultos), despertando o seu espírito crítico e reflexivo e inculcando valores de uma forma subtil e simultaneamente humorística.

**Palavras-chave:** literatura infantil; família; mulher; género; estereótipos.

## Abstract

This present article aims to problematize the way concepts like family, woman and gender appear in contemporary children’s literature, in particular in narrative albums for childhood. *Piggybook*, written by the famous author and illustrator Anthony Browne, and *The C Family*, by Pep Bruno and Mariona Cabassa, a masterpiece defined as “imaginative, original and modern” by the jury of the III Compostela International Prize, and given this very same prize in 2010. Through a clearly metaphorical and allegorical approach, these two albums appeal to the civic consciousness of the potential child readers (and adults), awakening their critical and reflective spirit and inculcating values in a subtle and simultaneously humorous way.

**Keywords:** Children’s literature; family; woman; gender; stereotypes.

## Família, mulher e género

A palavra família evoca em nós espontaneamente a representação simbólica e mental de um grupo de pessoas em que existe uma mãe, um pai e as crianças. Este é um modelo de família que é aceite social-

mente, sendo reflexo do nosso passado, da organização da nossa sociedade, do processo de socialização que nos faz como somos, das nossas convicções e dos valores que temos (Silva, 2001).

Ora, atualmente, a família, como defende Ângelo (2003), “é um grupo auto-identificado de dois ou mais indivíduos, cuja associação é caracterizada por termos especiais, que podem ou não estar relacionados a linhas de sangue ou legais mas, que funcio-

\* Licenciada em Serviço Social; Mestranda em Educação e Proteção de Crianças e Jovens em Risco na Escola Superior de Educação de Portalegre; Diretora Técnica e Assistente Social no Núcleo de Atendimento às Vítimas de Violência Doméstica do Distrito de Portalegre.

nam de modo a se considerarem uma família” (Ângelo, 2003:20).

Outrora, a separação de tarefas entre marido e mulher estava bem definida no seio da família, sendo que às mulheres se atribuíam as ocupações domésticas e a gestão familiar, enquanto que os homens se dedicavam a outro tipo de ocupações. As mulheres estavam, como os restantes membros da família, subordinadas à autoridade do chefe de família, autoridade que não era apenas ao nível financeiro mas também moral, aí se incluindo o direito de usar a força. Segundo Dias (2004:286), o papel da mulher na família resumia-se, até há algumas décadas atrás, à criação e guarda dos filhos, à manutenção da casa e à gestão do orçamento e das despesas domésticas.

A Constituição da República Portuguesa (CRP), a partir de 1976, representa um passo fundamental no progresso do estatuto da mulher. Foi neste período que se legislaram alguns aspetos relevantes para a igualdade dos cidadãos, independentemente do seu género, destacando-se o princípio da Igualdade (art. 13.º da CRP); o direito ao trabalho (art. 58.º da CRP) e o direito ao ensino (art. 74.º da CRP). Daí que, atualmente, as mulheres tenham os mesmos direitos do que os homens, tendo-se registado uma significativa mudança de mentalidades no que diz respeito ao seu estatuto e à sua condição social, o que provocou uma alteração profunda também ao nível da própria estrutura familiar.

No que diz respeito ao conceito de género, este tem tido uma grande influência nos movimentos feministas e na luta das mulheres pela sua emancipação. Estudar a categoria género permite-nos compreender melhor as relações de submissão e de dominação que existem entre mulheres e homens. A desigual distribuição de poderes entre sexos influencia a forma como mulheres e homens desenvolvem as suas capacidades pessoais, profissionais e sociais.

O género é uma construção social do masculino e do feminino. É a representação do sexo biológico, determinada pela ideia das tarefas, funções e papéis atribuídos às mulheres e aos homens na sociedade e na vida pública e privada. É uma definição de feminilidade e masculinidade que é específica de cada cultura e por isso varia no tempo e no espaço. Ainda

assim, como estipula a CRP, o ser humano tem de igual modo os mesmos direitos e deveres independentemente do sexo.

O género (sexo) constitui uma categoria social fundamental e a criança desenvolve, desde muito cedo, conhecimentos sobre si própria, através das suas interações com o seu ambiente social. É uma construção histórica e social, formada a partir dos significados e das evoluções que decorreram ao longo de diferentes épocas, associadas ao facto de se ser homem ou mulher, e que pode variar de umas culturas para outras.

Alguns autores entendem o conceito de género não como uma essência natural e universal, nem como uma mera diferenciação de papéis sociais assumidos por homens e mulheres, mas como algo dependente das condições históricas e culturais de um determinado período. Esta diferença tem privilegiado os homens, na medida em que a sociedade não tem oferecido as mesmas oportunidades de inserção e exercício de cidadania a homens e mulheres. Apesar da transformação dos costumes e valores que tem ocorrido nas últimas décadas, ainda existe muita discriminação.

Como defendem os especialistas nesta área, a literatura infantil tem um papel importante na formação da personalidade infantil e na transmissão (ou na refutação) de modelos e de estereótipos sociais, como os de família e de género. Se, até há algumas décadas atrás, o modelo de família difundido era o da família tradicional, com as tradicionais representações de género que lhe estavam associadas, hoje em dia já não é assim, como iremos ver nas obras *O livro dos Porquinhos* e *A Família C*, em que o propósito é justamente a desconstrução do estereótipo e a representação de novos modelos familiares.

## **Análise dos álbuns narrativos**

O meu encontro com os livros selecionados para análise foi casual, mas, a meu ver, tratou-se de encontro feliz, ou pelo menos bem-sucedido. Na verdade, possuindo uma licenciatura em Serviço Social, e desempenhando, de alguns anos a esta parte, funções num serviço dirigido a Vítimas de Violência Doméstica, lido diariamente com famílias

desestruturadas e com problemas psicossociais de grande complexidade, problemas que afetam necessariamente as crianças, e por vezes de forma irreversível. Ter encontrado estes dois álbuns faz-me acreditar que outras áreas para além das que se relacionam diretamente com a intervenção social – neste caso concreto a literatura infantil – se preocupam em desconstruir estereótipos no que aos conceitos de família e género diz respeito, transmitindo valores positivos às novas gerações, o que, a meu ver, pode acarretar benefícios enormes ao nível da mudança de mentalidades. O tempo o dirá.

As obras em estudo, apesar de pretenderem dar uma visão atualizada da família contemporânea, fazem-no em perspetivas diferentes. Na verdade, enquanto que no álbum *O livro dos Porquinhos* se sublinha a alteração de mentalidades e de papéis no que diz respeito ao núcleo familiar, registando-se uma mudança de atitude nas personagens masculinas e feminina ao longo da obra e uma progressiva consciencialização da importância da divisão de tarefas e do espírito de entreajuda, em *A Família C* surge retratada desde o início uma família moderna, sem preconceitos e estereótipos, uma família que, através da arte circense, consegue converter a monotonia do quotidiano e dos dias cinzentos numa vida cheia de cor e entusiasmo.

Os dois álbuns aqui em análise, ambos editados pela editora Kalandraka, para além de serem dois excelentes exemplos de livros de qualidade estético-literária, são igualmente duas obras que veiculam valores de forma subtil e humorística a partir do tema Família.

N' *O livro dos Porquinhos* surge uma associação direta aos estereótipos de género no seio familiar, com uma mulher que inicialmente, de forma passiva, submissa, resignada e silenciosa, assume todas as tarefas domésticas e satisfaz todas as exigências do marido e dos filhos, mas que, em determinada altura, adota uma outra postura: abandona temporariamente o lar deixando o marido e os filhos perfeitamente perdidos e desorientados. No entanto, essa decisão terá efeitos muito positivos na família, uma vez que todos passam a dar valor à Mulher e reconhecem a importância da divisão de tarefas. Por sua vez, n' *A Família C*, surge representada uma família contemporânea, que

evidencia a igualdade entre homem e mulher, levando até ao exagero, de forma humorística, a inversão dos papéis de género. Ao longo de todo o livro, as ilustrações agregam a colagem a outras técnicas, entrando em rutura com as palavras, mostrando uma família de artistas do circo envolvida em malabarismos do dia-a-dia. O truque resulta em perplexidade repleta de humor e fantasia através de um texto simples e condensado.

Também no álbum *O livro dos Porquinhos*, ao lado de um texto simples e condensado, as ilustrações, amplamente coloridas e pormenorizadas, ampliam os seus sentidos e exploram uma série de metáforas associadas às diversas situações e comportamentos das personagens – atente-se, por exemplo, nos contrastes de luzes e sombras a distinguirem e a colocarem em oposição os diferentes papéis desempenhados pelo pai e pela mãe ou, ainda, em pequenos detalhes, como as diversas representações pictóricas da figura suína, a preencherem as páginas e a funcionarem, simultaneamente, como chamadas de atenção ao leitor.

Esta obra narra uma aventura extraordinária da família do “Sr. Porcino e dos seus dois filhos, Miguel e Pedro, numa boa casa com um belo jardim, e um bom carro numa garagem. Dentro da casa estava a sua mulher.” Pode-se constatar logo no começo do texto que a figura feminina é desvalorizada e omitida, como se de uma empregada se tratasse, tanto que não entra na imagem principal, vê-se apenas a casa em fundo da família Porcino. Além disso, também se verifica ao longo de todo o álbum a representação pictórica da personagem masculina em tamanho superior em relação à figura feminina, uma representação muitas vezes desproporcional, saindo do campo visual do leitor.





Todas as manhãs, o Sr. Porcino e os seus dois filhos, antes de saírem para o “importantíssimo trabalho” e para a “importantíssima” escola repetiam: “Despacha-te com o pequeno-almoço, querida!”; “Despacha-te com o pequeno-almoço, mãe!” Depois de todos saírem de casa, a Sra. Porcino realizava as tradicionais tarefas domésticas (lavar a loiça, fazer as camas, aspirar o chão) e depois é que ia para o trabalho, sendo aqui vislumbrada a dupla jornada de trabalho a que as mulheres estão sujeitas, e que, na maioria das vezes, não é reconhecida pelo sexo oposto, pois são tarefas associadas socialmente ao papel da mulher.



fazta as camas...



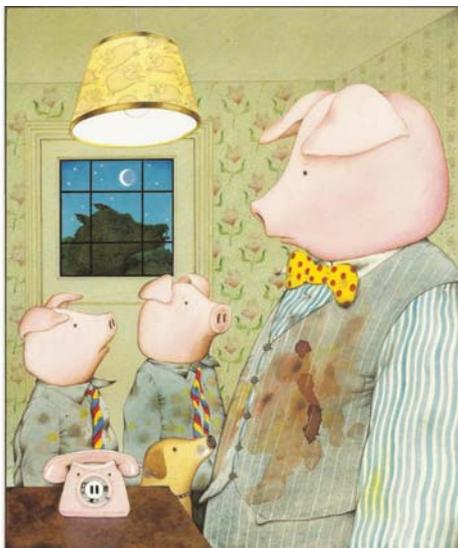
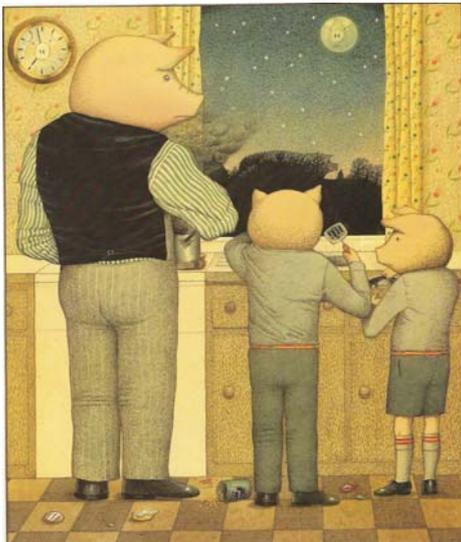
e depois ia para o trabalho.



As imagens são aqui utilizadas como uma linguagem poderosa, explorando a representação da linguagem física da Sra. Porcina, para sugerir a apatia, a tristeza, o sentimento de humilhação da personagem, optando mesmo por não definir os seus traços faciais, ocultando praticamente o rosto da vista do leitor no início da narrativa, o que reforça o impacto dramático da mensagem e gera rutura com o estatuto de vida desta família apresentado no texto verbal. Sra. Porcino não tem identidade, é uma personagem anónima que só tem sentido pelo seu papel de mãe e esposa. Observamos que esta personagem repete constantemente as mesmas tarefas ao longo da semana, quer ao almoço, quer na hora do lanche, quer ao jantar, enquanto que Sr. Porcino e seus filhos ficam a ver televisão, descansam no sofá descontraídos, não parando estes de fazer pedidos à mãe, não ajudando em qualquer tarefa doméstica, seguindo o exemplo do pai.

Um dia, a mãe decide abandonar o lar e deixar a família entregue a si mesma. Desde então, pai e filhos “tinham de preparar a sua própria comida. Demoraram horas. E ainda por cima estava horrível.” Era assim todos os dias. Tentaram tomar conta deles próprios mas não o conseguiram, pois nunca tinham feito tais tarefas. Aos poucos, a casa transformou-se numa “pocilga” e eles, progressivamente, transformaram-se em porcos, apercebendo-se finalmente do papel preponderante da mãe/mulher nas suas vidas.

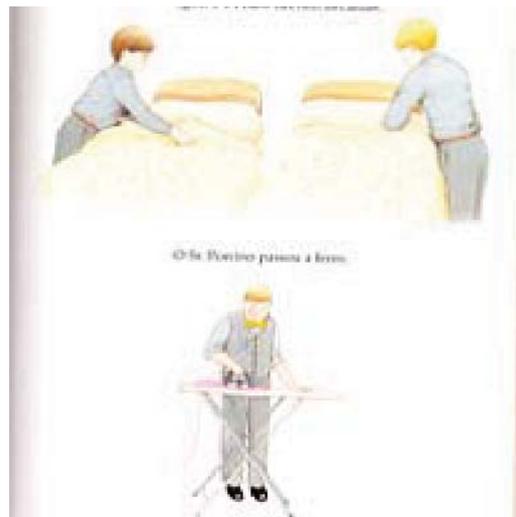
A partir deste momento, a componente pictórica preponderante é a da figura suína. Através do antropomorfismo, as personagens masculinas transformaram-se em suínos. As ilustrações acompanham o texto, com tonalidades menos acentuadas, mostrando o desalento e a tristeza pelo facto de a Sra. Porcino ter saído de casa por tempo indeterminado.

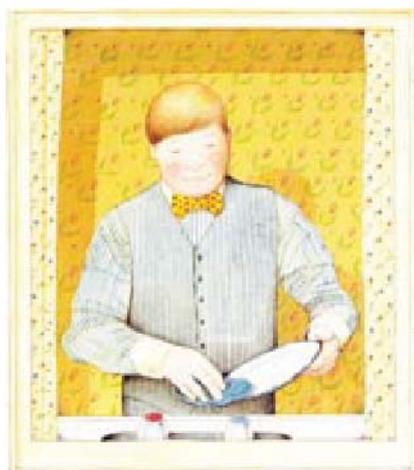


Algum tempo depois, os três elementos masculinos desta família decidem que vão “ter de dar uma volta e procurar alguns restos”. É precisamente nesse instante que a Sra. Porcino entra pela porta, em jeito de “aparição”, como se de uma santa se tratasse. Pai e filhos suplicam, com ar de arrependimento e de submissão, que volte para o lar.



Podemos observar agora que, na ilustração, Sra. Porcino já mostra de frente o rosto ao leitor e às personagens deste mundo ficcional e a sua postura corporal é bem diferente da inicial, o que sinaliza que esta saída estratégica permitiu a valorização do seu eu. Ao contrário do que sucedia anteriormente, as personagens masculinas, marido e filhos, são retratadas de forma humilhante em relação à figura feminina, pois estão de costas para os leitores, numa posição de subserviência. A partir deste momento, tal como é visível também na componente pictórica, todos ajudam nas tarefas domésticas: o Sr. Porcino lava a loiça, passa a ferro, os filhos fazem as camas e todos ajudam na cozinha.





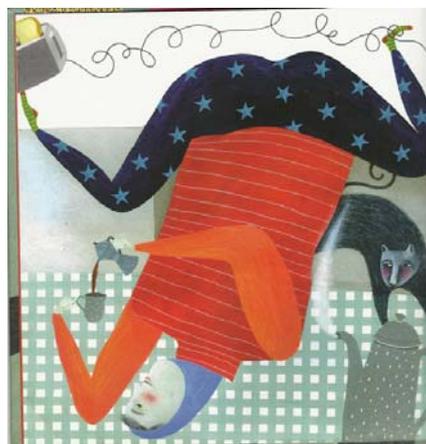
As tarefas domésticas, agora, competem a todos e a Mulher também se dedica a outras do seu interesse. O narrador informa-nos que “Ela consertou o carro”, o que pode porventura ainda provocar uma certa perplexidade no leitor, pois esta atividade é normalmente associada ao género masculino.



Estas mudanças beneficiaram toda a família: no final da história, sente-se maior união e respeito entre todos e, sobretudo, que a Sra. Porcino recuperou a sua dignidade e a vontade de sorrir, tendo conseguido impor-se e fazer-se respeitar como Mulher e como Pessoa.

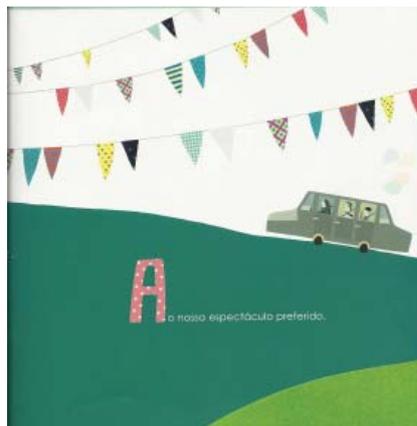
Esta organização familiar difere em tudo da família retratada no álbum narrativo *A Família C*, em que todos ajudam nas tarefas antes de sair de casa, encontrando-se aqui, de forma humorística, a inversão de papéis e o assumir de atividades diferenciadas associadas ao género dentro do seio familiar, pois “todas as manhãs o meu pai faz o pequeno almoço... Enquanto a minha mãe lê o jornal”. Através da primeira imagem, verificamos que a personagem do pai está ao contrário, corroborando a ideia da inversão de papéis. Através das imagens humorísticas, vemos uma família C como

personagens de circo e detentoras de uma grande imaginação; uma família que, sem rede e sem truques, quebra com a monotonia do dia-a-dia e enche de cor até os dias mais cinzentos em que tudo acontece igual.



Enquanto todas as mudanças relativamente ao género e aos papéis sociais aconteciam na família Porcino, n’*A Família C* tudo parecia igual. Depois de todas estas práticas estarem incutidas naturalmente nesta família, através da arte circense, foi-se dando cor a uma mãe e mulher que usa bigode e exerce, segundo os estereótipos, uma profissão associada quase exclusivamente ao sexo masculino, o de médica (não obstante não haver nenhuma indicação explícita no texto verbal) e um pai que é alfaiate.

Depois de um dia de azáfama, de trabalho e escola, toda a família lancha e rapidamente se prepara para o seu espetáculo preferido, o Circo, sendo a mulher a conduzir o carro, o que não deixa de ser produtivo no contexto da obra e do tema abordado.



Porque o circo é muito mais do que uma tenda cheia de artistas insólitos e de animais habilidosos; porque o circo é um espaço onde se cruzam realidade e irrealidade, um lugar neste mundo que pertence a outro mundo – o da ficção e da magia -, *A Família C* é uma família que adora o ambiente circense e o quanto ele simboliza de possível e impossível. E esse amor pela fantasia, esse jogo de realidade-irreal, é que lhe permite que a rotina cinzenta dos seus dias se encha de ilusão e fantasia. *A Família C* leva uma vida “normal”, mas impregnada de cor e de possibilidades, graças a esse caudal de engenho que lhe permite viver assim o sonho dos dias gloriosos, em que fazer o pequeno-almoço ou sair para o trabalho pode culminar numa aventura, sendo um escape da verdadeira realidade.

## Conclusão

Em síntese, diria que tanto *A Família C* como *O livro dos Porquinhos* são perfeitamente adequados a um público mais novo. São álbuns que procuram quebrar estereótipos e favorecer valores sociais não discriminatórios, facultando aos seus leitores uma visão mais ampla da realidade e iniciando-os numa educação para a cidadania baseada na igualdade, na colaboração e no conceito de família. Apesar da simplicidade do texto verbal, em ambos os álbuns, as ilustrações são muito ricas e humorísticas, cativando o potencial leitor infantil das obras (e o adulto, naturalmente).

Sabemos todos que a infância é um dos momentos marcantes do desenvolvimento pessoal e social de qualquer ser humano, e que a assimilação de regras sociais contribui para

a definição da sua personalidade. Ora, já sabemos que boa parte dessas regras sociais estão inscritas na literatura, particularmente, na que destinamos aos mais jovens, que são seres em formação. É, pois, fundamental uma intervenção adequada no sentido de que futuramente estes seres humanos respeitem e valorizem os seus semelhantes – homens e mulheres.

Será primordial que tenhamos em pensamento que educar também é mostrar e transmitir valores que ajudarão as crianças a tornarem-se seres sensíveis, solidários, responsáveis, autónomos e independentes... Tarefa complexa numa sociedade que se encontra a braços com uma crise de valores e referências familiares e, a par destes, a falta de heróis e heroínas que sirvam de modelos. Complexa, sim, mas não impossível.

## Bibliografia

Dias, I. (2004). *Violência na Família – Uma abordagem Sociológica*. Santa Maria da Feira, Edições Afrontamento.

Mergulhão, T. (2006). Literatura para crianças: contributos para uma (re)definição, In *A Criança, a Língua, o Imaginário e o Texto Literário. Centro e Margens para Crianças e Jovens. Actas do II Congresso Internacional*. Braga: Universidade do Minho – Instituto de Estudos da Criança.

PAZ, Olegário & Moniz, António (1997) *Dicionário breve de termos literários*, Lisboa: Editorial Presença, 107, in <http://www.edtl.com.pt/>, consultado em 27/01/2012.

Silva, L. (org) (2001). *Acção social na área da família*. Universidade Aberta. Lisboa, 16-31.

Wernet, M. & Ângelo, M. (2003). Mobilizando-se para a família: dando um novo sentido à família e ao cuidar. *Revista de Enfermagem USP* 37, 19-25.

[http://olhandoacor.web.simplesnet.pt/significado\\_das\\_cores.htm](http://olhandoacor.web.simplesnet.pt/significado_das_cores.htm), consultado em 29/01/2012.

<http://gestor.pt/a-psicologia-e-significado-das-cores/>, consultado em 29/01/2012.